

Bancos vão apoiar o Plano Baker

por Tom Camargo
de Londres

No início da próxima semana, bancos europeus e norte-americanos começarão a trazer a público seu apoio a algumas das condições que julgam importantes para a implementação da chamada "iniciativa Baker", a proposta norte-americana para a montagem de um programa adicional de financiamento para quinze países com grandes dívidas externas.

Não haverá uma posição conjunta para todo o sistema bancário, sequer uma nota única para instituições de um mesmo país. Sucessivas reuniões em Londres, Paris e Nova York estão, contudo, apurando um mínimo de homogeneidade, de forma que todas as dúvidas quanto ao mecanismo de operação do esquema sejam devidamente vocalizadas.

"Nós apoiamos o programa proposto por Baker — James Baker III, o minis-

tro do Tesouro dos Estados Unidos —, que trouxe a idéia a público durante a última reunião do Fundo Monetário Internacional (FMI), em outubro passado, em Seul, e esperamos colocá-lo em prática até o final da primeira metade de 1986", disse William R. Rhodes, do Citibank e presidente do comitê assessor da renegociação da dívida de diversos países latino-americanos, entre eles o Brasil.

"A iniciativa Baker é um divisor de águas, político e psicológico, em todo o processo da dívida internacional", disse Hervé de Carmoy, principal executivo da divisão internacional do Midland Bank.

Reunidos num seminário promovido pelo diário econômico Financial Times, cerca de uma centena de banqueiros de todo o mundo discutiram como lidar com a idéia de Baker. Na semana passada, dezesseis bancos europeus, liderados pelo Swiss Bank Corpora-

tion, enviaram um telex ao FMI e ao Banco Mundial, esclarecendo que são a favor da idéia, mas que há condições para que participem.

Um dos pontos que parece preocupar todas as casas é a forma de inclusão de bancos pequenos no programa, que prevê para os bancos comerciais um desembolso de US\$ 20 bilhões em novos empréstimos num prazo de três anos.

Segundo Bill Rhodes, uma possibilidade que começa a tomar forma é a de um fundo ou organismo semelhante, que funcione como agente tanto dos bancos regionais norte-americanos quanto dos pequenos bancos europeus.

Rhodes, que na sexta-feira se encontrará em Nova York com o presidente do Banco Central do Brasil, Fernão Bracher, para retomar discussões em torno da dívida brasileira, disse que a iniciativa Baker não colide com a prática atual do tratamento "caso a caso".

Durante o seminário, fazendo uma "atualização da

Bancos vão apoiar o Plano Baker

por Tom Camargo
de Londres
(Continuação da 1ª página)

comercial nos países devedores".

ANÁLISE

O presidente do comitê assessor disse ainda que, em 1985, a crise da dívida mudou para melhor. Numa rápida análise dos principais devedores, ele levantou sucessos e fracassos de cada programa de ajustamento (a Argentina mereceu menção favorável especial), concluindo que, agora, a comunidade internacional deve reconhecer que estaria agindo de forma preconceituosa ao "não levar em conta as transformações recentes na qualidade dos ativos do Terceiro Mundo".

Além de prever que o Plano Baker poderá incluir saques em linhas automáticas de crédito a partir da "performance" econômica de cada país devedor, ele insistiu em alertar os governos de países credores para "restaurarem relações comerciais completas com todos os devedores (de financiamentos a exportações aos seus seguros), reconhecendo seu empenho de reorganização".

EQUILÍBRIO

No caso brasileiro, excluída a nuvem negra dos preços, ele listou vários pontos — do quase equilíbrio nas contas correntes



William Rhodes

do balanço de pagamentos ao "esplêndido" superávit comercial e à substancial criação de reservas de moedas fortes que, segundo estimou, poderiam chegar aos US\$ 10 bilhões — que ensejariam otimismo. "O Brasil está vendendo ações de dezessete companhias estatais importantes, incluindo a Petrobrás. Este é um passo importante, mas acho que a comunidade bancária não lhe deu o peso que merece."

Herve de Carmoy, do Midland Bank, disse que o tratamento caso a caso da crise da dívida teve bons resultados, mas que talvez não seja suficiente para atacar as dificuldades estruturais que a conceberam. Para cobrir o serviço de suas dívidas na próxima

década, os principais devedores terão (assumida uma taxa de juro internacional de 10% ao ano) de gerar um superávit de US\$ 150 bilhões anuais. Para isso teriam de reduzir suas importações em 50% durante o período, ou então ampliar suas exportações em 60%, ou ainda combinar as duas alternativas.

AJUSTE

"A possibilidade de os países em desenvolvimento manterem ajustamento de tal magnitude por dez anos é negligível", disse de Carmoy. "Primeiro porque as medidas de austeridade dos últimos três anos resultaram em um declínio do nível de vida de 15 a 30% nos maiores países em desenvolvimento. Depois, porque estes países ainda estão lutando para preservar os elementos fundamentais de uma democracia."

Dizendo que o Plano Baker fornece "excelentes fundações" para que os bancos e os governos construam alternativas de solução para o problema, o diretor do Midland Bank defendeu que os Estados Unidos, o Japão e a Comunidade Européia, que representam mais de 60% de toda a

riqueza mundial, embarquem num plano de dez anos de empréstimos concessãois para o Terceiro Mundo.

A razão de US\$ 30 bilhões por ano, entregues a taxas inferiores até as do Banco Mundial, países densamente povoados, como Brasil, México, Índia e Indonésia, seriam instados a "reexaminar" suas prioridades nacionais, de forma a atender aos termos de um "contrato" que assinariam com os governos emprestadores.

POLÍTICAS

Tais acordos conduziriam à modificação de políticas de desenvolvimento, "implicando maciça adesão política e cultural para a obtenção de sucesso no longo prazo".

De Carmoy cita como áreas a serem escrutinadas as de energia, agricultura, crescimento demográfico e apoio à pequena e média empresa industrial.

Para Peter Leslie, principal executivo do Barclays Bank, o maior banco comercial inglês, "em 1984 quase esquecemos da crise da dívida, mas os acontecimentos deste ano no Brasil e no México reavivaram os temores".